

ATO 56

2007

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FAKULTADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Curso de Licenciatura em Antropologia

**Iniciação à Sexualidade na Construção da Identidade das Mulheres: O
caso do Bairro de Nhamaihwé, no Município de Dondo.**

Candidata: Joana Cunaca

UE M. - UFICS
R. E. 5632
DATA 18/09/07
AQUISICIONAR oferta
COTA ATO - 56

Maputo, Abril de 2007

**Iniciação à Sexualidade na Construção da Identidade das Mulheres:
caso do Bairro de Nhamiabwe, no Município de Dondo.**

Projecto de investigação apresentado em cumprimento parcial dos requisitos
exigidos para obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na
Universidade Eduardo Mondlane

Departamento de Arqueologia e Antropologia
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisora: Dra. Esmeralda Mariano

Maputo, Abril de 2007

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Mariano

Maputo, Abril de 2007

Declaração

Declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado, na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

Joana da Conceição Cunaca

Joana da Conceição Cunaca

Agradecimentos

Quero aqui deixar o meu sincero e profundo agradecimento a todos que de forma directa ou indirecta contribuíram para hoje ser o que sou.

À Dra. Esmeralda Mariano, minha supervisora, pela sua disponibilidade em supervisionar o meu trabalho, pelo apoio bibliográfico, por certas vezes me aturar mesmo quando sentia que voltava a cometer os mesmos erros que ela já havia me chamado atenção e mesmo assim ajudava-me a ultrapassar esses obstáculos, só tenho a dizer o meu muito obrigado pela paciência que teve durante esta longa caminhada.

Ao Prof. Doutor Rafael da Conceição e Dr. Biza que com base nos seminários ajudaram a mapear e despertar interesse no tema, ao Dr. Euclides Gonçalves pelo apoio moral e bibliográfico, a dra. Dina Ibrahim pela disponibilidade incondicional de ler o meu trabalho, e ao dr. Elísio Jossias graças a sua experiência consegui definir o tema para defender os meus cinco anos de formação.

Ao Conselho Municipal de Dondo na pessoa de José Domingos por ter condicionado tudo para a realização do meu trabalho de campo. Ao líder comunitário do bairro de Nhamaiabwe o senhor Jorge Vasco Guta e seus subordinados Ricardo Jorge, Sebastião Nhapedze por terem facilitado o meu contacto com as nossas entrevistadas. A mulher do bairro de Nhamaiabwe, sem vocês não seria possível a realização do meu trabalho.

Aos meus amigos: Helena, Sónia, Joelma, Sádía, Soninha, Helga, Sara, Mena, Denise, Mando, Magan, Sinha, Mollin, Paulinha, e ao senhor Magagula pelo apoio técnico.

Aos meus colegas de formação: Júlio, Macondzo, Cremildo, Langa, Guide, Cristina, Dilária e Dacamara.

À todos o meu muito obrigado.

Dedicatórias

Dedico este trabalho à memória do meu pai João Cunaca que sempre serviu de minha fonte de inspiração.

À minha mãe Maria de Lurdes Cunaca pelo apoio, pelos conselhos e por ser o meu porto seguro.

Aos meus irmãos: Dalito, Mena, Pai e Gabe que apesar das nossas diferenças sempre souberam ser irmãos e acima de tudo amigos.

A tudo isso e mais que não tenha feito referência, tenho a dizer que sem vocês nada disso seria possível.



Glossário

Cupedzera – ajudar

Matinge– pequenos lábios vaginais alongados

Massesseto– cerimónia de iniciação

Mfuta – semente de ricino

Phungo – madrinha ou pessoa responsável pela preparação da rapariga

Vhinira– entrar numa fase da vida.

RESUMO

O nosso trabalho intitulado iniciação à sexualidade na construção da identidade feminina tem como principal objectivo analisar a influência dos ritos de iniciação na construção da identidade feminina.

O estudo de caso realizou-se no Município de Dondo concretamente no bairro de Nhamaiabwé. Com base nas entrevistas semi-estruturadas foi nos possível ficar a perceber aspectos sobre o processo de iniciação sexual pelo qual passam as mulheres, tais como: o alongamento dos pequenos lábios vaginais que se inicia por volta dos sete anos e dá-se continuidade mesmo após elas estarem casadas, os rituais de fertilidade pelos quais elas passam com o aparecimento da primeira menstruação.

O trabalho está dividido em quatro partes: temos a introdução onde apresentamos um breve historial sobre os ritos de iniciação na Antropologia e sua relação com a sexualidade; temos a motivação e justificação do tema, de seguida trazemos o nosso problema de pesquisa na qual apresentamos a nossa inquietação, depois temos a hipótese onde avançamos com a resposta para o nosso problemas e os objectivos que se pretendem alcançar. De seguida descrevemos a metodologia e a, caracterização do local de estudo.

Na parte final traçamos as considerações finais: onde sustentamos que os ritos de iniciação femininos contribuem na construção da identidade sexual das mulheres, inculcam nas mulheres valores ligados à subordinação, visam também torná-las potencialmente capazes de proporcionar prazer sexual a si próprias e aos seus parceiros. Constatamos ainda que o início do ciclo menstrual marca a transformação biológica que é normalmente considerado momento para a formalização do início da actividade sexual, sinal de fertilidade e possibilidade de reprodução.

Índice

Declaração.....	i
Agradecimentos.....	ii
Dedicatórias.....	iii
Glossário.....	iv
Resumo.....	v
Introdução	0
CAPÍTULO 1	3
1.1. Motivação e Justificação.....	3
1.2. Problema de pesquisa	4
1.2.1. Hipótese	5
1.2.2. Objectivo geral	5
1.2.3. Objectivos específicos	5
1.3. Revisão da literatura.....	6
1.4. Quadro teórico e conceitual	10
CAPÍTULO 2	16
Metodologia.....	16
CAPÍTULO 3	18
Caracterização do local de estudo.....	18
CAPÍTULO 4	20
4.1. Discussão dos resultados	20
4.1.2. Dinâmica na gestão da iniciação sexual das mulheres	20
4.2. Sexualidade e Ritos de iniciação.....	23
4.3. Relações de género e a desconstrução da imagem passiva da sexualidade feminina	26
4.4. Construção local da identidade sexual.....	30
4.5. Outros factores importantes na construção da identidade feminina.....	31
Considerações finais.....	33
Referência bibliográfica.....	35
Anexo	38

Introdução

O presente trabalho é um projecto de pesquisa de carácter exploratório, realizado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane e tem como título “Iniciação à Sexualidade na Construção da Identidade das Mulheres” o caso do Bairro de Nhamaibwé, no Município de Dondo.

Na literatura antropológica que aborda os ritos de iniciação femininos tende-se a considerar que a transição da infância à idade adulta é marcada com o aparecimento da primeira menstruação. Era nesta altura em que se desencadeava o processo de aprendizagem à sexualidade, publica e socialmente reconhecida.

Com isso observamos que por um lado estudos como de Bganol (2003) e Arnfred (2003), mostram uma tentativa de recuperar ou rebuscar os ensinamentos tradicionais (dos ritos) partindo do pressuposto que os jovens actualmente iniciam a actividade sexual precocemente, por exemplo antes da menstruação.

E por outro lado como mostra alguns estudos tais como, Arthur e Osório (2002), Matsinhe (2005) e Bagnol e Mariano (2006) o interesse pela sexualidade surge no contexto da difusão das ITS's (Infecções de Transmissão Sexual) e da SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida).

É de referir que o nosso trabalho tem com objectivo compreender a influencia dos ritos de iniciação à sexualidade na construção da identidade das mulheres por nós entrevistadas, e para alcançar este objectivo, adoptamos a abordagem do interaccionismo simbólico, que tem como foco principal as experiências da vida que radicalmente afectam e moldam o significado que as pessoas dão a elas próprias e ao significado de vida. Fizemos também recurso à teoria da construção social, que defende a ideia de que a sexualidade é uma construção social que deve ser explicado de acordo com o contexto em que o individuo se encontra inserido.

O presente trabalho foi dividido em 4 capítulos: no primeiro temos a motivação e justificação pela escolha do tema, o problema de pesquisa onde levantamos as nossas questões, a hipótese, o objectivo principal e os objectivos específicos, a revisão da literatura no qual apresentamos diversas abordagens e debates teóricos feitos sobre o assunto. E ainda o quadro teórico e conceptual onde incidimos os conceitos que visam explicar este trabalho de pesquisa.

No segundo capítulo apresentamos a metodologia usada para a elaboração deste trabalho desde fontes escritas às fontes orais. No terceiro capítulo descreve-se a caracterização do local de estudo. No quarto capítulo temos a discussão e análise dos resultados ordenados feita em subcapítulos, na qual confrontamos os dados recolhidos do campo com as abordagens teóricas. Por último, são apresentadas as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

CAPÍTULO 1

1.1. Motivação e Justificação

O primeiro motivo que me levou a interessar-me pelos ritos de iniciação à sexualidade foi o facto de ter participado nos retiros de iniciação ministrado pela Igreja Católica na cidade da Beira. Durante este retiro aprendi que os retiros de iniciação são uma experiência de inculturação no campo da educação na Igreja de Deus que esta em Moçambique.

E segundo Gwembe (1999) este retiro pretende iniciar as jovens gerações nos mistérios da vida, isto é, relacionamento com Deus, com o próximo e consigo mesmo. De referir ainda que os retiros de iniciação não são uma iniciação tradicional na medida em que são abertas a qualquer jovem independentemente da sua ideologia, tribo, religião.

Uma outra razão resulta das conversas tidas com algumas amigas tendo-me apercebido que existia um outro tipo de rito de iniciação que apresentam aspectos diferentes do retiro de iniciação católica. Este facto suscitou em mim algum interesse em compreender melhor a centralidade e a funcionalidade dos ritos de iniciação.

Esta curiosidade só foi ultrapassada relativamente mais tarde com o meu ingresso na universidade (2001), ouvi e discuti durante as aulas assuntos sobre a sexualidade com os colegas e docentes, altura em que tive acesso aos vários que abordavam sobre os ritos de iniciação.

E constatei que com base nas leituras feitas, que os estudos sobre os ritos de iniciação contém muito material sobre a sexualidade e ao tentarmos analisá-los podemos compreender o processo de socialização sobre o qual os indivíduos são submetidos.

1.2 Problema de pesquisa

Nos primeiros anos de independência de Moçambique¹ surgiram vários estudos sobre questões relacionadas com o combate à exploração do homem pelo homem e a emancipação e libertação da mulher. Estes estudos revelam, segundo Ngole (1997) que a mulher sempre se encontra subordinada ao homem, pelo que se devia combater essa maneira de pensar incutida durante as cerimónias de iniciação.

Observamos ainda que estudos recentes elaborados por Osório e Arthru (2002), Casimiro et al (2002) revelam que os ritos de iniciação à sexualidade formalizam os papéis que as mulheres deverão assumir quando adultas. Por este motivo a aprendizagem do exercício da sexualidade constituem um dos aspectos mais importantes, e este ensino é condicionado pela subalternidade da mulher em relação ao desejo sexual masculino.

Assim sendo, “os ritos de iniciação como componente importante do processo de socialização traduzem diferencialmente o habitus masculino e habitus feminino, isto é, são estes valores, essas representações e essas crenças constitutivas do habitus que estão presentes nos discursos e nas práticas de homens e mulheres que configuram as desigualdades nas ou das relações de género” (Casimiro et al, 2005:8).

Para compreender esta subalternidade das mulheres por entrevistadas torna-se necessário elucidar o significado de ser mulher, identificar quais são os aspectos que concorrem para a construção da identidade feminina.

¹ 1975

1.2.1. Hipótese

- Os ritos de iniciação à sexualidade como um processo e campo de aprendizagem sócio-cultural circulam ideologias que reforçam a construção da identidade, e por outro lado veiculam mecanismos que condicionam a subordinação feminina, que são expressas em modelos de comportamentos na qual as práticas sexuais jogam um papel preponderante.

1.2.2. Objectivo geral

- Compreender a influência dos ritos de iniciação à sexualidade na construção da identidade feminina.

1.2.3. Objectivos específicos

- Documentar as diferentes abordagens teóricas sobre ritos de iniciação.
- Descrever o contexto em que ocorrem os ritos de iniciação sexual.
- Descrever o papel dos agentes sociais no processo de socialização sexual das mulheres.
- Identificar os ensinamentos passados durante os ritos de iniciação femininos.

1.3. Revisão da literatura

Dos diversos documentos existentes sobre os ritos de iniciação em Moçambique, desde monografias, revistas e teses de licenciatura, procuramos salientar diversos aspectos que nos ajudam a perceber toda a preparação sexual na qual os indivíduos são submetidos.

Observamos que os ritos de iniciação masculina apresentam maior enfoque às provas de resistência e de coragem. Os estudos como o de Junod (1996) sobre o grupo etnolinguístico tsonga mostram que o *ngoma* ou escola de iniciação é verdadeiramente um rito de puberdade (que marca a passagem da adolescência a fase adulta) e não uma iniciação sexual. Apesar da suspensão das relações sexuais e do emprego dominante de palavras licenciosas, Junod (1996) refere que este ritual não se associa com a iniciação sexual.

Quanto aos ritos de iniciação femininos à sexualidade, a maior parte da bibliografia mostra que para além da preparação sexual das raparigas, os rituais aos quais elas eram submetidas com o aparecimento da primeira menstruação, visavam também a subordinação das mulheres perante seus futuros maridos (Bravo, 1989).

Gwembe (1989) no seu trabalho sobre os ritos de iniciação entre os nyungwes, discute a necessidade de redefinição dos conceitos, questionando se são ritos ou cerimónias estes actos que marcam a passagem dum indivíduo de um estado para o outro, visando sua integração deste na comunidade dos adultos.

Respondendo à questão, o autor refere que “para uns são ritos de circuncisão (para ritos masculinos) pois a circuncisão parece ser o objectivo; para outros, são cerimónias ou ritos de puberdade pois dão-se na altura da puberdade fisiológica; para outros ainda, sobretudo quando se trata de raparigas são ritos ou cerimónias de nubidade, porque é a partir destes ritos que a rapariga é legalmente considerada núbil ou apta a casar-se” (Gwembe, 1989:4).

Face à discussão trazida por Gwembe (1989), é de referir que, ritos, ritual e cerimónia se usam geralmente como sinónimos e, para uma melhor compreensão do objecto de estudo, definimos e clarificamos algumas palavras-chaves que serão abordadas no nosso trabalho, como: cerimónias, ritos, ritual, ritos de passagem e retiro de iniciação.

Ritos

Os ritos seriam neste caso construções culturais complexas e elaboradas que comportam uma articulação de comportamentos padronizados e repetitivos e que possuem um significado simbólico mais ou menos homogéneo explicitamente interpretáveis da parte de quem assiste ou participa.

Ritual

É um termo “com uma ascensão mais ampla e pode ser empregue também no sentido metafórico ou analógico, enfatizando alguns aspectos da sociedade em detrimento ou em complementaridade a outros expondo-os enquanto alternativa definidas para a vida social” (Dicionário de Ciências Sociais, 1986:1801).

Cerimónia

Pode ser definida como manifestação de sentimentos ou atitudes comuns através de acções mais ou menos ordenadas e de natureza essencialmente simbólicas em ocasiões apropriadas, mas este termo envolve ainda uma atenção especial para a forma de comportamento e a selecção de formas apropriadas para expressar sentimentos ligados a determinada situação social.

As cerimónias têm como função: “ajudar a expressar, perpetuar e transmitir os elementos do sistema de valores e sentimentos, a intensificar a solidariedade das pessoas que participam na cerimónia” (Dicionário de Ciências Sociais 1986: 170).

Ritos de passagem

A expressão ritos de passagem foi usada pela primeira vez por Van Gennep (1974) para descrever dois tipos de ritos que acompanham a passagem de um indivíduo, de um estatuto social para outro no decorrer da sua vida e os que marcam determinados pontos na passagem do tempo. Assim os ritos de passagem típicos no sentido moderno são os que acompanham o nascimento, a consecução do estatuto, o casamento e a morte.

Retiro de iniciação

Segundo Gwembe (2001) os retiros de iniciação são uma experiência que baseando-se na tradição africana procuram ajudar os jovens de hoje a enfrentar os desafios que a modernidade lhes apresenta a luz de ensinamentos religiosos, isto é, ensina-se aos jovens como os antepassados ofereciam os seus sacrifícios, certos ritos que realizavam para ensinar certas realidades e como estas experiências permitirão aos jovens começarem a ver via antepassados um ponto de referência para a sua identidade.

Iniciação

È visto como um aspecto da enculturação é um conceito complexo e é abordado de formas diversas. Tal como afirma Bernardi (1974) a iniciação é um período sistemático de instrução, e Bettlheim (1977) define como um rito de passagem que introduz o adolescente na sociedade dos adultos.

Apresentadas as palavras-chaves, optamos pela adopção do termo ritos de iniciação sexual como um mecanismo de transmissão de práticas, valores e crenças, que se formalizam em determinadas etapas da vida do indivíduo. Nesta definição consideramos o carácter dinâmico e transformativo dos ritos.

Sobre o estudo dos ritos de iniciação à sexualidade em Moçambique temos na referir na opinião de Gwembe (1989) que, o estudo dos ritos de iniciação reveste um particular interesse, pois os povos moçambicanos em particular foram pouco estudados pelos homens da ciência. Estes estudos mostram que durante muito tempo os antropólogos não só nunca viram a necessidade destes estudos como se combatiam positivamente, ou

porque achavam os ritos imorais e também porque atrasavam o processo de assimilação indígena no sistema político português.

Numa perspectiva contrária ao de Gwembe (1989), Jorge Dias e Margot Dias (1970), fizeram um estudo entre os macondes do norte de Moçambique, com vista a compreender os hábitos sócio -culturais deste povo, definem os ritos de iniciação como um processo que marca as mudanças de estado ou de situação social que tem por objectivo integrar o indivíduo no seu grupo social.

Ainda no norte de Moçambique, Medeiros (1982) faz uma análise do povo macua e na sua opinião, as cerimónias acarretam uma transformação profunda na vida dos jovens na medida em que são as cerimónias que marcam a passagem da infância à vida adulta.

Abordando ainda sobre os ritos de iniciação à sexualidade o relatório (1980) elaborado após a independência de Moçambique, a OMM² olhava os ritos de iniciação como uma prática que visava a integração dos jovens de forma a preservar a sociedade. Quanto aos ritos de iniciação femininos, o referido relatório defende que estes visavam preparar a rapariga para o futuro casamento e integrá-la na comunidade de adulto.

Abordando ainda a finalidade dos ritos de iniciação à sexualidade, Martinez (1989), afirma que os ritos de iniciação tinham por objectivo transformar o indivíduo em homem ou mulher, mas servem também para quebrar o laço existente entre o jovem e a mãe na medida em que a relação mãe – filho na sociedade macua é muito forte.

A finalidade dos ritos de iniciação é também de integrar o indivíduo na sociedade como adulto, capaz de participar nas reuniões e tomar decisões no seio da comunidade em que se encontra inserido.

Ainda na mesma linha de pensamento de Martinez (1989), Bravo (1989) faz referencia aos vários aspectos da iniciação feminina, e defende que estes têm como objectivo ensinar e preparar as jovens. Estes incluem as actividades domésticas, os cuidados de

² Organização da Mulher Moçambicana



higiene com o seu próprio corpo com o aparecimento da primeira menstruação, como cuidar dos filhos, como a mulher deve-se comportar sexualmente com o marido, devendo proporcionar-lhe o máximo do prazer sexual.

Corroborando com esta ideia, estudos sobre os ritos de iniciação à sexualidade mostram, segundo Tamele e Vilanculo (2003), que também na sociedade maconde, as raparigas são submetidas aos ritos de iniciação a partir da primeira menstruação, e a educação dela incide mais sobre as normas de conduta que a rapariga deve observar na família e na comunidade. Estes ritos têm como objectivo instruir e educar a mulher tendo em conta os costumes, tabus e regras de comportamento.

Deste modo na comunidade macua, ainda na óptica de Tamele e Vilanculo (2003), os ritos de iniciação femininos constituem exemplo de como se processa a formação da adolescente para a vida adulta. As raparigas são lhes transmitidos conselhos sobre "cuidados higiénicos a ter em relação à menstruação, conhecimentos sobre a interdição das relações sexuais durante a menstruação e o uso de qualquer tipo de adorno". (Tamele e Vilanculo, 2003:19)

Após a revisão da literatura sobre os ritos de iniciação e suas finalidades, descrita por vários autores, definimos neste trabalho: a iniciação sexual como um processo contínuo que ocorre desde o nascimento de um indivíduo até ao fim da sua actividade sexual. As cerimónias ou rituais formalizam os ensinamentos e publicitam a identidade dos indivíduos.

1.4. Quadro teórico e conceitual

Para o nosso trabalho adoptamos duas abordagens teóricas, a primeira é o interaccionismo interpretativo onde o pesquisador é intérprete de experiências vividas,

envolvendo interacção entre duas ou mais pessoas, sendo que estas experiências revestem-se de significado para quem as vive ou viveu.

Nesta abordagem, a realidade é vista como uma rede de pressupostos e significados compartilhados intersubjectivamente. Utilizamos o interaccionismo interpretativo porque partimos do pressuposto que as acções do ser humano se dão em direcção ao outro, a partir do outro num processo mútuo sendo que essas acções resultam em experiências interaccionais mediadas por símbolos e pela linguagem; é interpretativo porque busca a atribuição de significados e a tradução destes em termos que levem a compreensão do fenómeno que se pretende estudar” (Andrade e Tanaka, 2001: 61).

Esta perspectiva tem como foco principal as experiências da vida, que radicalmente afectam e moldam o significado que as pessoas dão a elas próprias e aos seus projectos de vida. Procura-se ainda estudar como a experiência está articulada, como o individuo interpreta a experiência subjectiva humana e qual significado atribui.

Esta abordagem nos ajuda a compreender o significado e a interpretação que os individuos dão as suas vivências e experiências. Através da interpretação das mulheres procura-se compreender o significado que elas dão aos ensinamentos passados durante a iniciação, e como estes podem ser compartilhados e compreendidos entre os individuos.

Outra referência teórica para a análise do nosso objecto de estudo é o construcionismo social, que defende que as práticas são socialmente construídas e existência de múltiplas instituições socializadoras.

De Oliveira (s.d) refere que o construcionismo social é importante porque permite olhar a sexualidade como uma construção que comporta a visão de que actos sexuais fisicamente idênticos têm significados sociais e subjectivos variados, e que as diversas culturas formam uma gama extensa de categorias, esquemas e rótulos para enquadrar experiências afectivas e sexuais.

Observa-se ainda que esta abordagem nega a existência de qualquer impulso sexual indiferenciado que resida no corpo devido à sensação ou funcionamento fisiológico.

Para o estudo do estudo sobre os ritos de iniciação femininos é implícito que se deve reconsiderar alguns aspectos sobre as dinâmicas relativas a sexualidade como: relações de género, identidade sexual, socialização e a sexualidade enquanto processo construtivo.

Relações de Género

Por um lado relações de género referem-se “as relações socialmente construídas entre homens e mulheres, entre mulheres e homens, que tomam formas e são sancionadas por normas e valores definidos por membros da sociedade em que vivem, sendo também influenciados por factores culturais ou simbólicos, pelo contexto socio-económico ou histórico” (Casimiro e Andrade citado por Ribeiro, 2003:21).

E por outro lado Loforte (2003) refere que a base da diferenciação das relações de género e sexualidade repousa nas diferenças biológicas reais entre os sexos, mas a percepção social e o sentido destas diferenças está incorporado nas práticas culturais e em estruturas e instituições que variam consideravelmente.

Esta autora observou ainda que “as variedades de interpretação sobre a posição de homens e de mulheres nas distintas culturas operam com o conceito de género e a noção de que a cultura contém uma dimensão de género significa entre outros aspectos que a mesma incorpora e representa as ideias, as crenças e as práticas acerca dos papéis dos homens e das mulheres na sociedade e sobre o exercício da sua sexualidade” (Loforte, 2003:17)

Portanto a noção de relações de género nos permite entender que “as relações sociais entre homens e as mulheres são relações hierarquizadas e desiguais construídas socialmente, que reflectem relações de poder entre ambos e, que a fonte destas relações desiguais são afinal de contas relações desiguais entre os sexos” (Scott, 1986:6).

Identidade Sexual

Para Azeredo (1992) identidade sexual é o senso de si mesmo como homem ou mulher. Neste caso identidade sexual de um indivíduo é a experiência interna do seu papel sexual, que por sua vez é a expressão externa da sua identidade sexual.

De referir que Azeredo procura mostrar “que a sociedade já define antepadamente o que caracteriza o homem e o que caracteriza a mulher. O homem deve ser competitivo, não deve ser vaidoso, e o que marcaria a conduta de ser mulher é que ela deve ser passiva, sensível e delicada, ser mãe e responder pela educação e socialização dos filhos” (Azeredo, 1993:41).

Continuando na linha de pensamento de Azeredo é de referir que “a nossa personalidade assim como a nossa identidade sexual se forma tendo apenas o homem e a mulher como modelos” (Azeredo, 1993:44).

Adoptando o conceito identidade sexual como sendo a noção que o indivíduo tem de pertencer a um ou outro sexo, tal identidade pode ser afectada por uma variedade de estruturas e supra estruturas, incluindo trabalho, religião ou família.

Assim analisaremos a identidade sexual tendo em conta os modelos de feminilidade propostos pelos contextos culturais no qual os indivíduos se encontram inseridos.

O nosso trabalho pretende abordar o conceito identidade sexual como algo que esta em constante alteração e sofrendo influência do meio em que o indivíduo se encontra inserido.

Socialização

A educação como processo de socialização, de formação e composição dos papéis individuais e sociais é um processo que permite a transmissão de valores, regras de conduta entre os membros num determinado contexto.

Concebe-se a “socialização como um processo que possibilita as pessoas integrarem-se dentro de um certo meio social, com base na interiorização de certas normas reconhecidas pelo grupo de pertença. Assim pode-se afirmar que a socialização é um processo que tem início com o nascimento e só termina com a morte do indivíduo” (Napulula, 2004:27).

Importa explicar que neste processo esta presente uma acção recíproca, isto é, a socialização é um processo dinâmico em que o indivíduo tem a capacidade de recriar e transferir símbolos que recebe do meio em que se encontra.

Assim “consideramos que a socialização é simultaneamente um processo de interiorização (assimilação e reformulação) adaptação das normas sociais às suas expectativas (Napulula 2004:27).

Sexualidade

O debate teórico sobre a sexualidade tem sido feito em torno de duas posições: o essencialismo ou naturalismo que olha a sexualidade em termos fisiológicos ou biológicos em que as diferenças reais existentes entre os corpos dos indivíduos são usados para diferenciar homens e mulheres. E por outro lado a perspectiva construtivista que procura abordar a sexualidade do ponto de vista da produção cultural em espaços e tempos históricos distintos.

Assim, do ponto de vista das ciências sociais “a sexualidade como domínio de vida depende da socialização, da aprendizagem das regras sociais que permitem que a actividade sexual possa ser legitimamente exercida”. (Osório, 2005:5).

Continuando na linha de pensamento, Osório (2005) refere que Foucault centra os seus estudos na análise da sexualidade, nos saberes que sobre ela se elaboram, nos sistemas de

poder que regulam a sua prática e das formas segundo as quais os indivíduos podem e devem reconhecer-se como sujeitos dessa sexualidade.

Sob este ponto de vista, a mesma autora refere que “Foucault questiona a visão estática do fenómeno permitindo a inauguração de uma linha de pesquisa que confere a sexualidade um papel central para a compreensão das identidades” (Osório, 2005:5).

A partir desta leitura podemos definir a sexualidade a partir do ponto de vista de Foucault “como sendo um dispositivo histórico complexo, que engloba relações de poder a vários níveis (social, político e cultural) e, que comporta maneiras de ser, pensar, agir, sentir e conceber o mundo que estejam de acordo com o sexo biológico de cada indivíduo” (Foucault citado por Napulula, 2004:25).

CAPÍTULO 2

Metodologia

O presente trabalho é um estudo exploratório qualitativo. Para a realização deste estudo, obedeceu-se a três etapas fundamentais: revisão da literatura, trabalho de campo e análise e interpretação dos resultados.

Este trabalho é de carácter qualitativo na medida em que “o pesquisador procura entender os fenómenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e a partir daí situa a sua interpretação dos fenómenos estudados” (Neves, 1996:2).

O mesmo autor refere que o método qualitativo tem sido alvo de crítica na medida em que “os argumentos são expressos sob a forma de texto, de formas que as diferenças de estilo, de contexto ou a intenção de atribuir ao signo um carácter simbólico particular podem não ser captados pelo pesquisador” (Neves, 1996:4).

Sobre a elaboração do nosso projecto de pesquisa temos a referir que: na primeira etapa deste estudo na qual consideramos de fase exploratória fez-se um levantamento de documentos escritos existentes nas bibliotecas da cidade de Maputo (ARPAC, Arquivo Histórico, Centro de Estudos Africanos e Faculdade de Letras e Ciências Sociais) e na cidade da Beira (ARPAC) e artigos extraídos da Internet.

A segunda etapa do trabalho foi caracterizada pelo trabalho de campo, partindo do princípio de que havia uma necessidade de complementar e confrontar a informação contida nos documentos escritos com os dados recolhidos no campo. A recolha dos dados foi conduzida entre os meados de Janeiro e a primeira semana de Fevereiro de 2006, na cidade de Dondo.

A pesquisa de campo consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas seguindo um guião, com a pretensão de dar liberdade de expressão às entrevistadas mecanismo que permitiu obter mais informação detalhada sobre o assunto. Excluindo as entrevistas em

grupo que foram realizadas na sede do bairro, a maior parte das entrevistas foram realizadas nas casas das nossas entrevistadas.

Solicitamos o apoio do líder comunitário do bairro de Nhamaiabwe e os chefes de quarteirão para acompanharem as entrevistas, a fim de facilitar o contacto e comunicação com as pessoas seleccionadas para as nossas conversas. Sempre que possível os nossos referentes locais serviram de intérpretes visto que a língua predominante é sena falada pela maioria das entrevistadas.

O facto de termos trabalhado com intérpretes do sexo masculino numa primeira fase causou-nos dificuldades de comunicação e consequentemente limitações na recolha de informações. Com o passar do tempo, e, maior aproximação e confidencialidade com as nossas entrevistadas ultrapassamos este obstáculo.

As participantes neste estudo compreende um total de 25 mulheres, de entre as quais 15 estão na faixa etária compreendida entre os 18 e os 35 anos e as 10 restantes, têm mais de 40 anos de idade.

Escolhemos por um lado mulheres que estão na faixa etária 18 e os 35 anos, primeiro porque achamos que são sexualmente activas e segundo porque com base em conversas informais ficamos a saber que elas já haviam passado por uma preparação sexual.

E por outro lado escolhemos mulheres acima dos 40 anos de idade porque achamos que tem uma certa experiência em preparar sexualmente outras raparigas.

Finalmente a terceira etapa do trabalho exploratório consistiu na compilação, análise dos dados recolhidos no campo, e a comparação com os documentos existentes.

CAPÍTULO 3

Caracterização do local de estudo

O Município de Dondo é a capital do distrito do mesmo nome. Este distrito faz fronteira ao norte com o distrito de Muanza e Gorongosa, ao sul com o distrito de Nhamatanda, ao oeste com distrito de Buzi ao este com o Oceano Indico.³

O Município de Dondo está situado a 30 quilómetros da Cidade da Beira, em pleno corredor, servindo de canal de saída e entrada à Cidade da Beira, através da Estrada Nacional nº 6 e da linha ferroviária.

Este Município possui uma superfície de cerca de 368 km² e uma população de 61.345 habitantes (Censo, 1997), distribuída por 10 bairros residenciais sendo o mais populoso com 9293 habitantes (bairro de Mafarinha) e o menos populoso com 638 habitantes (bairro Samora Machel).

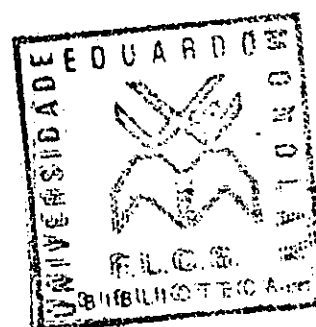
Os habitantes originários do distrito de Dondo pertencem ao conjunto dos povos do Baixo Zambeze com grande representação dos senas. Assim a língua mais falada no distrito é o cisena mas podemos encontrar pessoas falantes da língua ndau e chuabo.

Industrialmente o Município de Dondo ocupa a 2ª posição ao nível da província de Sofala depois da cidade da Beira, com a existência de 3 unidades industriais que são: Cimentos de Moçambique, Lusalite de Moçambique e fábrica de travessa de betão para linha-férrea e para além de 8 empresas, designadamente (Moçambique Florestal, Renovação da linha férrea Dondo-Sena/ Moatize, Telecomunicações de Moçambique, Estação de Caminhos de Ferro de Moçambique, Auto Dondo, Correios de Moçambique, Centro Emissor da Rádio Moçambique e Banco Austral).

³ Conselho Municipal de Dondo, 1999.

A rede comercial e de pequenas indústrias é composta por 41 lojas, 7 bares, 3 restaurantes, 1 pensão, 20 carpintarias, 14 alfaiatarias, 2 mercados municipais, 29 mercados informais e 90 bancas fixas.

A rede escolar é composta por 18 escolas, sendo 15 do Ensino Primário do 1º grau, 2 do Ensino Primário do 2º e 1 do Ensino Secundário Geral. No âmbito da Saúde existem 11 unidades das quais 1 centro e os restantes são postos de saúde.



CAPÍTULO 4

4.1. Discussão dos resultados

No quarto capítulo procuramos discutir a dinâmica na gestão dos ritos de iniciação, a relação entre a sexualidade e a iniciação sexual, a relação de género e a passividade feminina, construção local da identidade sexual e finalmente compreender outros factores que contribuem para a construção da identidade sexual.

4.1.2. Dinâmica na gestão da iniciação sexual das mulheres

Tal como definimos previamente o processo de socialização inclui a educação convencional e tradicional, formação e composição de papéis individuais e sociais. Neste são transmitidos valores e regras sociais compartilhadas entre os membros que constituem um determinado contexto.

Neste âmbito os ritos de iniciação sobretudo nas zonas rurais são um dos momentos privilegiados em que os parentes, os mais velhos e a comunidade, intervêm na educação sexual dos jovens. De acordo com a nossa entrevistada:

*"Uma menina tinha que ter uma phungo, (uma madrinha). E uma mãe se quiser que a filha passe pelas cerimónias de massesseto (cerimónia de iniciação) deve tratar com essas mulheres, que devem ser mulheres mais velhas."*⁴

Uma outra mulher sobre o mesmo assunto refere que:

*"Existem senhoras próprias que ensinam as raparigas como é que devem-se comportar quando estão em casa do seu marido."*⁵

Estes depoimentos evidenciam que o papel dos pais, no processo de educação sexual das raparigas, e por outro lado observamos que, durante o nosso trabalho de campo os ritos de iniciação vão sofrendo algumas alterações.

⁴ Mulher, 45 anos, viúva, doméstica. Data 28/01/06

⁵ Mulher, 21 anos, casada, mãe de 1 filho, 2ª classe. Data 28/01/06

Esta ideia é reforçada através do seguinte depoimento:

*"Antigamente quem procurava madrinha quando a rapariga ficasse donzela (com o aparecimento da menstruação) era a própria mãe, que procurava uma madrinha a qual ficava responsável pela educação da rapariga e deveria explicar tudo o que uma mulher deve saber, mas agora quando a menina fica donzela vai logo procurar homem."*⁶

Uma outra mulher refere:

*"Na maior parte das vezes as raparigas não prestam atenção ao que falam às mais velhas e preferem conversar com as amigas. Hoje as raparigas já não obedecem às mães só falam com as amigas, não têm juízo e caem na perdição."*⁷

Como revela os estudo de Matsinhe (2005) "os valores tidos como tradicionais estariam associados entre outros a ideia de que antigamente, os jovens recebiam a educação sexual através das suas madrinhas quando atingissem a puberdade ou quando tivessem a primeira menstruação que geralmente eram as tias ou vizinhas que se encarregavam de educar as raparigas para o lar e para servir o homem" (Matsinhe, 2005:146/147).

No nosso contexto de estudo as amigas vão ganhando um maior espaço na educação sexual, com quem sentem-se mais confortáveis para falar, questionar e solicitar mais explicação, conforme sustenta a nossa interlocutora:

*"Umás vezes têm sido as mães que procuram as senhoras para ensinar as filhas, mas agora o que estamos a ver é que as mães já não fazem isso, porque as próprias filhas preferem falar sobre este tipo de assunto com as suas amigas."*⁸

Na tentativa de se perceber a motivação das preferências das mulheres mais jovens ao invés das mais velhas, foi-nos revelado o seguinte:

⁶ Mulher, 44 anos, viúva, doméstica e mãe de 7 filhos. Data 04/02/06

⁷ Mulher, 40 anos, casada, doméstica e mãe de 3 filhos. Data 28/01/06

⁸ Mulher, 23 anos, casada, doméstica, mãe de 2 filhos, 5ª classe. Data 29/01/06

*"Quando você vai pedir conselhos sobre como fazer para ter **matinge** (lábios vaginais alongados), como tratar bem um homem, no dia seguinte vê, ouve outras velhas a comentar sobre este assunto."*⁹

Nota-se uma rotura a confidencialidade, constituindo assim um dos aspectos que incrementam o conflito entre as mulheres mais jovens e as mulheres mais velhas.

Um outro aspecto que emergiu das conversas com as mulheres mais velhas é perda de valores entre a geração dos jovens.

*"As raparigas agora mostram barrigas, as pernas, estendem as calcinhas a vista dos pais, já não tem nenhum respeito com os mais velhos."*¹⁰

Um dos argumentos defendidos pela maioria das mulheres mais velhas associadas à ideia de perda de valores considerados tradicionais é o surgimento e difusão da SIDA que são interpretados como momentos de tensão entre a tradição e a modernidade. Verifica-se assim uma tentativa de dar sentido e explicação dos problemas.

*"Tem o caso da SIDA que é espalhado por causa da dita modernidade, onde as raparigas engravidam, fazem aborto e depois não fazem cerimónias e isto provoca doenças que não tem diferença com SIDA."*¹¹

Continuando a descrever as mudanças a nossa entrevistada refere:

*"Antigamente tinha que se manter uma boa disciplina em casa, não como se faz actualmente, em que as mulheres têm vários homens e deste modo vão tendo várias crianças de muitos homens, e vão provocando doenças porque andam com muitos homens."*¹²

Com base nestes extractos, constatamos que os pais, as madrinhas vão perdendo certo espaço na educação sexual das raparigas.

⁹ Extracto de conversa tida com 5 mulheres entre os 20 e 25 anos. Data 26/01/06

¹⁰ Mulher 44 anos, casada. Data 26/01/06

¹¹ Idem

¹² Mulher, 45 anos, casada, doméstica. Data 30/01/06

4.2. Sexualidade e Ritos de iniciação

Considerando os ritos de iniciação à sexualidade como um espaço educativo e de transição da infância à idade adulta, detêm aspectos de grande valor simbólicos que acompanham a criança e ajudam a entender as mudanças que ocorrem na sua vida, e ainda formalizam os deveres dos jovens e a sua postura no que respeita a sexualidade.

Nesta linha de pensamento Loforte (2003) refere ainda que os ritos de iniciação são processos que estruturam os deveres dos jovens no âmbito da sexualidade. Na perspectiva de Loforte as mulheres aprendem a estabelecer uma relação simbólica entre o corpo e a natureza, e aqui confirma-se também uma certa limitação por parte das mulheres e um conjunto de proibições.

Definimos ainda sexualidade como um conceito que comporta maneiras de ser, de pensar, agir, sentir e conceber o mundo que estejam de acordo com sexo biológico de cada indivíduo, e deve ser percebido tendo em conta as relações de sociais de género que se estabelece entre os indivíduos.

Como se revela no relatório elaborado pela OMM, “a iniciação feminina começa entre os 7 a 13 anos; nesta fase as raparigas são encarregadas de arranjar uma madrinha, *phungo*, para dar conselhos necessários para mais tarde servir os diversos caprichos do homem. A madrinha explica ainda a menina como puxar os pequenos lábios vaginais localmente designados de *matenge* que deve proceder de manhã e de tarde” (OMM, 1980:103).

“Antes de ser donzela ou menstruada íamos para casa da minha avó; ela dizia para ir arrancar mfuta (semente de ricino) como estava fresco, pínhamos a secar durante duas semanas, depois disso descascávamos e a nossa avó queimava até ficar papa depois nos ensinava a puxar matenge (pequenos lábios vaginais alongados).”¹³

Rita-Ferreira (1966) observou que a *sankhulo* (madrinha) depois de aceitar a tarefa, chama a afilhada e aconselha-a a visita-la frequentemente. Deste modo a jovem inicia a

¹³ Mulher, 22 anos, solteira, estudante, 10ª classe. Data 27/01/2006

aprendizagem dos segredos da vida sexual, os tabus relativos à gravidez, amamentação e períodos menstruais. Este facto é referido por esta mulher que afirma o seguinte:

*"Quem deve procura a madrinha é a própria mãe da menina que diz que a minha filha tem que fazer **vhinira** (entrar numa outra fase). A madrinha fica responsável por aquela miúda para explicar tudo o que se passa, se for para lhe fechar dentro de casa é própria mãe que deve procurar a madrinha."*¹⁴

Rita-Ferreira refere ainda que a rapariga "aprende como servir o marido e ser-lhe fiel, recebe ensinamentos sobre a maneira de lidar com a família do marido e, para o caso de vir a pertencer a um lar polígamo aprende sobre os seus deveres e direitos em relação às restantes esposas. É também a madrinha que a incita a distender os pequenos lábios utilizando na operação uma substância gordurosa preparada com o fruto de uma árvore denominada *tenguene* ou ricino" (Rita-Ferreira, 1966:141).

Sobre este aspecto uma mulher mais velha refere que:

*"Nesta fase a madrinha é a primeira a puxar os lábios da menina com um medicamento chamado **mfuta** e depois a própria rapariga começa a puxar sozinha."*¹⁵

Outra ainda relata que:

*"No tempo em que eu cresci quando cheguei aos 11 a 12 anos, então minha mãe procurou uma frutinha assim chamado **mfuta**, sentada então começou a partir, queimar, começou a mexer assim até ficar papa, ficar escuro assim. Depois procuramos casca de caracol, pínhamos lá o medicamento, e puxávamos *mantige* duas vezes de manhã e a tarde até crescer."*¹⁶

O que podemos também observar, é que esta operação pode durar meses até ao aparecimento da primeira menstruação e, explica-se a rapariga durante esta fase que a pratica de alongamentos dos pequenos lábios vaginais irá proporcionar prazer sexual ao futuro marido e que se ela tiver os lábios vaginais alongados ele não irá rejeita-la.

¹⁴ Mulher 50 anos, viúva, doméstica. Data 28/01/06

¹⁵ Mulher 50 anos, viúva, doméstica. Data 28/01/06

¹⁶ Mulher 40 anos, casada, mãe de 3 filhos. Data 01/02/06

*"...sobre mfuta quem tratou de tudo foi a minha tia, irmã do meu pai ela disse que era coisa boa, porque não é só para as mulheres é também porque os homens gostam e quando não se tem matinge os homens podem te estranhar... e você não pode parar de puxar matinge mesmo depois de casada."*¹⁷

*"Quem ensinou sobre a mfuta foi minha avó, mãe de meu pai, dizia que tem que puxar matinge porque há homens que costumam exigir também porque numa casa cria sempre confusão se a mulher não tem matinge."*¹⁸

Rita-Ferreira (1966) observou ainda que as raparigas chegam a exercitarem mutuamente em cópulas simuladas, mas esta prática não constitui no entanto indicio de inclinações lésbicas. De acordo com o autor de modo nenhum as raparigas desejam ser acusadas pelos futuros marido por desconhecerem os movimentos sexuais, finalizados a proporcionar tornar o coito mais agradável.

Algumas mulheres afirmam que:

*"Existem mulheres preparadas, próprias que ensinam as outras mulheres como fazer relações sexuais com o seu marido, como mexer durante a relação sexual para seu marido gostar."*¹⁹

As práticas ligadas à sexualidade pelas quais as mulheres passam são um aspecto cultural que vai ser gradualmente incorporado, como podemos depreender do seguinte relato:

*"Nós quando nascemos apanhamos nossas mães a fazer isso; elas dizem que tem de puxar matinge porque era nossa cultura até nossas avós faziam e não devemos desprezar..., puxamos matinge porque os homens masenas são muito complicados se você não tem matinge podem insultar e dizer você não tem nada vai para casa, parece que somos homens iguais vai para tua casa, tua mãe vai te ensinar a ser mulher."*²⁰

A partir deste depoimento podemos concluir que com o passar do tempo as práticas sexuais vão se incorporando desde o início da preparação sexual. As práticas são percebidas como mecanismos para manter a tradição, mesmos se por vezes se integra ou

¹⁷ Mulher, 19 anos, casada, doméstica. Data 01/02/06

¹⁸ Mulher, 22 anos, casada, doméstica, mãe de filhos. Data 01/02/06

¹⁹ Mulher 23 anos, casada, mãe de 2 filhos, doméstica. Data 02/02/06

²⁰ Mulher, 23 anos, casada, doméstica, mãe de 2 filhos, 5ª classe. Data 02/02/06

se suprime alguns mecanismos por um lado. Por outro lado a preparação à sexualidade reforça a diferenciação entre os sexos masculino e feminino.

Bravo analisando os ritos de iniciação, refere que estes tinham uma centralidade na sexualidade, isto é, “ a jovem aprendia com a madrinha a cuidar das tarefas domésticas, medidas de higiene, como tratar dos filhos, como deve-se comportar sexualmente com o marido e dar-lhe o máximo prazer durante o acto sexual ” (Bravo 1989:35).

A partir do ponto de vista das interlocutoras observamos que por um lado existe um consenso entre as mulheres, que para se sentirem mulheres é necessário que tenham os pequenos lábios alongados, porque para além de lhes completar enquanto mulheres garante-lhes a realização do casamento e a sua valorização pelos seus parceiros. Mais ainda a noção de preservar a cultura é usado como argumento principal para justificar a prática do alongamento dos pequenos lábios vaginais.

*“Vovó mãe de mamã disse, você tem que puxar **matinge** porque se não, não vai casar. Você tem que puxar **matinge** porque quando casar teu marido antes de fazer relação sexual há-de querer brincar com teu **mantige**. Nossas mães nos obrigam a puxar **mantige** porque dizem que sem isto, nenhum homem vai gostar de você, o teu marido vai dizer você não tem segurança, parece um poço em que você só mete, parece uma casa sem porta, parece uma panela sem pegas.”²¹*

É evidente neste contexto que a imagem da mulher está associada a elementos da cultura material, casa, cozinha, panela, que simbolicamente representam o lugar e os atributos domésticos relativos ao seu papel no lar e na sociedade.

4.3. Relações de género e a desconstrução da imagem passiva da sexualidade feminina

Martins (s/d) citando Bourdieu (1999), demonstra como o mundo social é o responsável pela construção simbólica dos valores em torno das figuras masculinas e femininas. Este autor aponta não só a oposição dos géneros, mas como as relações sociais são em geral

²¹ Mulher, 24 anos, casada, mãe de 3 filhos. Data 05/02/06

premiadas pelas relações de dominação, de subordinação, uso de força física e também de violência doméstica, reproduzindo de tal forma uma crença que se torna objectivada, concretizada e naturalizada.

O mesmo autor refere que Bourdieu (1999), procura desvendar os mecanismos históricos responsáveis pela naturalização dos papéis do homem e da mulher, onde apresenta que a subordinação feminina se deve em parte a um processo histórico de naturalização dessa posição secundária perante o homem. E por outro lado é de referir que as relações de género são vistas como relações de poder, ao contrário da visão binária de ausência e presença de poder no pólo dominante/ dominado. As relações de género são formadas pelo poder presente nos dois pólos da relação. Constata-se ainda, que em todas as sociedades as mulheres detêm parcelas de poder, que lhes permite meter cunha na supremacia masculina.

Com isto, apesar de Foucault (1994), não abordar especificamente a questão do género, sua formulação acerca do poder e a fluidez do seu conceito no sentido de abarcar as necessidades de uma relação entre os sexos, que mais do que polarizada é relacional, contempla estudos sobre o género. Assim, para Foucault (1994), o poder contém mobilidade que significa encontrá-lo mesmo que em quantidades assimétricas, nos dois pólos de uma relação.

Assim de acordo com as nossas entrevistadas, os ensinamentos passados durante os ritos de iniciação têm como função principal prepará-las para serem mulheres sexualmente activas, que satisfaçam sexualmente os seus parceiros.

Esta ideia é constatada por Osório e Arthur (2002) citando Ironga, referindo-se que os ritos de iniciação formalizam os papéis que as mulheres deverão assumir quando adultas, principalmente quando casadas. Por este motivo a aprendizagem da sexualidade constitui um dos aspectos mais importantes dos ritos. Mas o ensino sobre o comportamento sexual da mulher é condicionado pela subalternidade da mulher.

Fazemos referencia a subalternidade porque a rapariga iniciada aprende que deve dar todo prazer ao homem nunca negando o acto sexual a não ser em circunstâncias especiais, do mesmo modo a rapariga aprende que não pode manifestar desejo sexual e que o acto deve realizar-se as escuras.

As conversas com as nossas interlocutoras revelaram-nos que a preparação à sexualidade visa tornar as mulheres capazes de proporcionarem prazer ao seu parceiro sexual. Algumas mulheres defendem que:

“Quando mandamos as nossas filhas para aprenderem assuntos relacionados com o que é ser mulher na nossa tradição, como ela deve tratar o seu marido quando for casada, o que pretendemos é que para quando for para casa do seu marido um dia, não ficar envergonhada por este (marido) e nem pelos familiares do seu marido.”²²

Os ensinamentos sobre aspectos ligados à sexualidade não tem como objectivo apenas tornar a rapariga objecto de satisfação sexual do homem, visam ainda torná-la madura e preparada sexualmente. Este posicionamento é sustentado por Loforte (2003) quando diz que durante os ritos de iniciação se ensina a rapariga a descoberta das possibilidades eróticas do corpo. Estes ensinamentos proporcionam as raparigas o reconhecimento do seu próprio corpo na puberdade e possibilidade de uma sexualidade mais satisfatória individualmente e compartilhada.

*“Minha mãe dizia **matinge** não é só para o homem gostar durante as relações sexuais, é também para você como sentir prazer.”²³*

*“Nós puxamos **matinge**, não só por causa dos nossos maridos, para agradar nossos maridos puxamos porque gostamos de ter **matinge**, também quando fazemos relações sexuais ele (o marido), não é único que gosta e eu também gosto.”²⁴*

Bettlheim reforça a ideia de Loforte e sustenta ainda que “a prática de alongamento dos pequenos lábios vaginais favorecem manifestamente o desejo da prática da masturbação e

²² Mulher 50 anos, viúva, mãe e doméstica. Data 01/02/06

²³ Mulher, 25 anos, casada, mãe, doméstica. Data 07/02/06

²⁴ Mulher, 24 anos, casada, doméstica e mãe. Data 07/02/06

segundo o ensinamento com que se relacionam, aumenta o gozo sexual nos homens e nas mulheres" (Bettlheim, 1979:120).

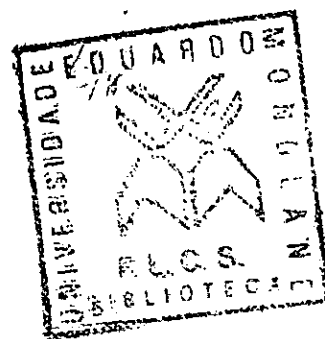
Constatamos assim que as relações sociais de género são relações de poder, que nem sempre visam a subordinação das mulheres, elas podem ser vistas como relações de dominação feminina ou mesmo de complementaridade entre o feminino e o masculino. E ainda como assevera Loforte citando Casas (2003) os ritos de iniciação feminina vistos como expressão de conhecimento ancestral das mulheres sobre o seu corpo são potencialmente um espaço feminino de poder.

Está também presente entre as mulheres da comunidade sena a ideia de que elas têm um papel fundamental no alcance do prazer sexual dos homens, através dos movimentos do corpo durante o acto sexual. Para o alcance do prazer sexual²⁵ as mulheres aprendem a *cupezderar* (ajudar o homem com base no movimento do corpo) durante o coito não devendo permanecer imóveis esperando a acção.

Uma informante explica:

*"Nós temos que aprender a ajudar o homem para não fugir... porque tem homem que foge quando a mulher fica como morta (...) um tronco que não tem valor."*²⁶

As relações de género, portanto referem-se às relações socialmente construídas entre homens e mulheres que tomam formas e são sancionadas por normas e valores definidos pelos membros da sociedade na qual vivem, são relações dinâmicas e em permanente mudança.



²⁵ Por prazer sexual pode ser definido como sendo um tipo de sentimento agradável aos seres praticantes do sexo, que se adquirem ao longo de uma relação sexual entre dois seres de sexos opostos ou a ele relativo.

²⁶ Mulher, 24 anos, casada, doméstica, fez a 3ª classe. Data 04/02/06

4.4. Construção local da identidade sexual

A identidade sexual sendo a noção que o indivíduo tem de pertencer a um ou outro sexo, é influenciada pelas instituições sociais. Assim analisamos a construção da identidade sexual tendo em conta os modelos de feminilidade propostos pelos contextos culturais nos quais os indivíduos estão inseridos.

Reflectindo sobre si mesmo como mulheres, as nossas entrevistadas vão através das suas vivências, das crenças e valores relativos à sexualidade dar significado às práticas transmitidas durante o processo de socialização.

Para percebermos estes aspectos adoptamos a abordagem interaccionista interpretativa. A percepção das mulheres é que os lábios vaginais alongados dignificam a mulher, como revelam os extractos das conversas com algumas mulheres:

*"A minha mãe me ensinou que uma mulher de verdade deve ter **matinge** só assim pode se sentir mulher e o homem te vê como mulher de verdade."*²⁷

Esta imagem de mulher completa pode representar um mecanismo de coação para outras mulheres não iniciadas a esta prática. E como forma de se sentirem parte integrante do grupo, muitas acabam procurando alguém que lhes possa iniciar, como se pode observar do seguinte relato:

*"Existem muitas mulheres que mesmo casadas e que não passaram por estes ritos procuram pessoas para ensinar (...) eu acho que elas procuram alguém para ensinar porque não se sentem capazes de agradar o seu marido. Eu por exemplo, minha avó me ensinou como ser mulher e eu agora sinto-me capaz de agradar o meu namorado mais do que as outras."*²⁸

Observamos que para o nosso grupo alvo ser mulher significa ter os lábios vaginais alongados, saber proporcionar prazer ao seu parceiro sexual e a si próprias. Estes seriam os pré-requisitos necessários para se poder ser parte integrante do grupo de mulheres que

²⁷ Mulher 22 anos, casada, mãe de um filho, doméstica. Data 07/02/06

²⁸ Mulher 20 anos, solteira, estudante 9ª classe. Data 8/02/06

tenha passado pelas modificações corporais tais como alongamento dos pequenos lábios vaginais.

4.5. Outros factores importantes na construção da identidade feminina

Considerar os ritos de iniciação como um conjunto de práticas relativas à sexualidade significa que se deve ter em conta as várias fases da vida do indivíduo (infância, puberdade e fase adulta).

- 1) Durante a infância as modificações sobre os órgãos genitais (alongamento dos lábios vaginais) têm a finalidade de preparar à mulher a sexualidade.
- 2) Na puberdade com o aparecimento do ciclo menstrual realça a transformação biológica. Este momento é socialmente aceite como idade madura para o início da actividade sexual, e o fluxo menstrual simboliza a fertilidade e possibilidade de reprodução.

Desta forma a sexualidade não à sexualidade esta ligada a reprodução. Assim, neste subcapítulo discutimos alguns aspectos ligados ao ciclo menstrual.

Durante a recolha de dados no campo verificamos que entre as mulheres está patente a ideia de que o ritual pelo qual elas passam após o aparecimento do primeiro ciclo menstrual é muito importante, pois constitui um mecanismo de protecção do matrimónio. Para além disso o primeiro fluxo menstrual é usado para produzir um amuleto de fertilidade, como explicam as nossas interlocutoras:

“Após o aparecimento da lua (aparecimento da primeira menstruação) a rapariga deve ficar isolada durante o tempo que estiver menstruada. Depois disso a mãe deve recolher tudo que ela usou durante esta fase e queimar, depois de queimar deve pegar na cinza riscar na barriga e nas costas, isto serve para proteger a rapariga e também para quando estiver no seu lar poder conceber.”²⁹

Deste relato constatamos que com o aparecimento da primeira menstruação implica que a rapariga deve mudar seu comportamento, pelo facto dela passar a pertencer a uma outra categoria social, de pessoa crescida, e de mulher. Assumindo que o início do ciclo

²⁹ Mulher, 45 anos, viúva, mãe e doméstica. Data 07/02/06

menstrual marca a transformação biológica e é sinal de fertilidade, é determinante que a rapariga passe pelos rituais como meio de assegurar a fertilidade e reprodução.



Considerações finais

Com o presente trabalho pretendemos compreender a influência dos ritos de iniciação à sexualidade, especificamente pretendíamos documentar as diversas abordagens sobre os ritos de iniciação à sexualidade, descrever o contexto em que ocorrem os ritos de iniciação à sexualidade, descrever o papel dos agentes sociais no processo de socialização sexual das mulheres entrevistadas, e finalmente identificar os ensinamentos passados durante os ritos de iniciação à sexualidade.

Com base nestes objectivos referimos que: os ritos de iniciação à sexualidade como um processo de aprendizagem proporcionam e reforçam a construção da identidade das mulheres a partir de certos modelos de referência (o que significa ser mulher no num contexto cultural específico). No nosso contexto de estudo, algumas características físicas, manipulações corporais culturais que são compartilhadas e interiorizadas influenciam na construção da identidade sexual.

Os ritos de iniciação femininos não têm meramente a função de inculcar valores ligados à subordinação da mulher. É redutiva a visão que a rapariga iniciada deve dar todo o prazer ao homem nunca negando o acto sexual a não ser em circunstanciais especiais. Do mesmo modo a ideia que a rapariga aprende a não manifestar, e expressar o desejo sexual e que o acto se deve realizar em certas condições (às escuras).

Observamos que no grupo das mulheres com que dialogamos ter os lábios vaginais alongados, serve para proporcionar o prazer ao seu parceiro sexual e a si mesma.

Concluimos ainda que com o início do ciclo menstrual implica mudanças de comportamento da rapariga, integração social e mudança de estatuto como mulher adulta.

Constatamos ainda, que a tradição e a modernidade coexistem no seio de uma mesma sociedade e numa mesma época.

Tratando-se de um estudo exploratório, não pretendemos elaborar conclusões, mas considerar um ponto de partida para futuras pesquisas tais como: a relação entre as práticas vaginais e a difusão das doenças sexualmente transmissíveis.

Referência bibliográfica

- Azeredo, R. H. (1993). "Identidade sexual" in Educação sexual: Novas Ideias, Novas. Conquistas. Marcos Ribeiro (org.). Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos.
- Bagnol, B. e Mariano, E. (2006). Estudo Género, Sexualidade e Práticas Vaginais. Relatório da Pesquisa Etnográfica Realizada na Cidade de Tete. Maputo. OMS/ICRH.
- Bernardi, B. (1974). Introdução aos Estudos Etno-antropológicos. Lisboa. Edições 70.
- Bravo, O. (1989). Marcas Corporais em Algumas Etnias de Moçambique. Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.
- Breve Informação Sobre o Município de Dondo (1999). Sofala/Dondo.
- Cafuquiza, J. (2004). Reflexão Sobre os Ritos de Iniciação Femininos na Comunidade A-Sena: função Social e Cultural. Beira. Diário de Moçambique.
- Casimiro, I. et (2002). Estudo de Base do Projecto Kulhuvuca – Corredor de Esperança. Maputo. FDC/CEA.
- Ciscato, Pe.E. (1982). Análise Etnográfica dos Ritos de Iniciação da Mulher Lomwé. In Ritos Iniciáticos da Puberdade, no Norte de Moçambique. Maputo. UEM.
- De Andrade, S. e Tanaka, O. (2001) Interaccionismo Interpretativo: Uma nova Perspectiva Teórica para as Pesquisas Qualitativas. Disponível: [http://www.urb.br/ics/der/serie 177 em PDF](http://www.urb.br/ics/der/serie%20177%20em%20PDF). Acedido em 5/11/06.
- De Oliveira, J. C. (s/d). Reflexões a Natureza e Cultura da Sexualidade. [http://www.urb.br/ics/der/serie 177 em PDF](http://www.urb.br/ics/der/serie%20177%20em%20PDF). Acedido em 5/11/06.
- Dias, J. e Dias, M.(1970). Os Macondes de Moçambique: Vida social. Lisboa. Junta de Investigação do Ultramar.
- Do Amaral, W (1999). Guia de Apresentação de Teses, Dissertações e Trabalhos de Graduação. Maputo. UEM/ Livraria Universitária.
- Foucault, M. (1994). Historia da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Lisboa. Relógio D'Água Editores.

- Fundação Getúlio Vargas (1986) Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Edição Fundação Getúlio Vargas.
- Gwembe, Pe E. (1989). Iniciação Tradicional Africana em Moçambique: Tentativa de Síntese. Maputo. E. P. Africa.
- Gwembe, Pe E. (1999). Retiros de Iniciação: Uma Experimentação na Inculturação. Imprensa Comercial Indico. Maputo
- [Http://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_de_g%C3%AAnero](http://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_de_g%C3%AAnero). Identidade de género (s.d). Acedido no dia 5 de Abril de 2006.
- Ironga, I. (1994). Mulheres Chuwabo Contam... Sexualidade e Família. Maputo. INDE.
- Junod, H. (1996). Usos e Costumes Bantu. Tomo I. Maputo. Arquivo Histórico de Moçambique.
- Loforte, A. (2003). Práticas Culturais em Relação à Sexualidade e Representação Sobre Saúde e Doença. CEP, Faculdade de Letras. UEM.
- Martinez, F. (1989). O Povo Macua e a Sua Cultura. Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Martins, R. (s.d). Género: Multiplicidade de Representações e Práticas Sociais. Disponível: <http://www.urbr.br/ics/der/serie177emPDF>. Acedido em 19/03/07.
- Matsinhe, C. (2005). Tábula Rasa: Dinâmica da Resposta Moçambicana ao HIV/SIDA. Maputo. Texto Editores Lda.
- Medeiros, E. (1982). Ritos Iniciáticos da Puberdade: Material Para Estudo dos Ritos Iniciáticos Femininos e Masculinos da Puberdade, no Norte de Moçambique. Maputo. UEM.
- Napulula, A. F. (2004). A Sexualidade e Decisão do Uso de Preservativo nas Relações Sexuais entre os Jovens: O Caso da Cidade da Beira 2000-2004. Tese para Obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo. FLCS/ UEM.
- Neves, J. (1996). Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. Disponível: <http://www.urbr.br/ics/der/serie177emPDF>. Acedido em 5/11/06.
- Ngole, S. (1997). Ritos de Iniciação Masculina e suas Transformações Sociais no Planalto de Mueda entre 1974-1994. Dissertação para Obtenção do Grau de Licenciatura em História. Maputo/UEM.

- Osório, C. e Arthur, M. J. (2002). Revisão da Literatura: Saúde Sexual e Reprodutiva, DTS, HIV/ SIDA Maputo. FNUAP.
- Osório, C. (2006). "Sexualidade: Uma historia Masculina" in Outras Vozes nº 14. Maputo. WLSA Moçambique.
- Ribeiro, M. (2003). Género entre Conceito e Realidades: Uma Abordagem ao Contexto Moçambicano. Tese para Obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo. UFICS/ UEM.
- Rita-Ferreira, A. (1966). Os Cheuas de Macanga. Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa.
- Scott, J.(1992)."Género: Uma Categoria Útil para Análise Histórica" In Brochura de Textos da Cadeira de Género e Direitos Humanos. Maputo, FLCS-UEM
- Sotomane, C. (s.d). Guia de Elaboração e Apresentação do Trabalho de Projecto. Maputo. ISPU.
- Tamele, V. e Vilanculo, J. A. (2003). Algumas Danças Tradicionais da Zona Norte de Moçambique. Maputo. ARPAC. Colecção Embondeiro 21.

Anexo

Anexo A: Guião de Entrevista para as mulheres iniciadas

1. Idade
2. Estado civil
3. Nível de escolaridade
4. Profissão
5. Número de filhos
6. Quais são as motivações para a prática dos ritos de iniciação à sexualidade?
7. Quem lhes motiva a esta prática (pais, tias paterna ou materna, avós)?
8. Quais são os instrumentos e produtos usados durante os ritos de iniciação à sexualidade?
9. Qual é a finalidade de ensinar a rapariga a saber cuidar de um homem?
10. Os ensinamentos têm sido os mesmos desde os tempos antigos?
11. como tem sido os ritos de iniciação à sexualidade actualmente, esta prática sofreu alguma alteração?
12. Que significado os ritos tem para vocês?
13. Como é que vocês se sentem perante outras mulheres que não passaram pelos ritos de iniciação à sexualidade?

Anexo B: Guião de Entrevista com as "Matronas"

1. Idade
2. Estado civil
3. Nível de escolaridade
4. Profissão
5. Número de filhos
6. Quem são as mestres de cerimonia?
7. Quem lhes contacta para preparar as raparigas?
8. Os pais pagam algum valor quando vão contactar as mestres de cerimónias

9. Qual é a medida que os lábios vaginais devem ter, existe um tamanho padrão?
10. E quando é que esses lábios dão prazer?
11. Quem concebe a ideia de que fazer o alongamento dá prazer sexual ao homem?
12. Qual é a finalidade de incentivar as raparigas a fazer o alongamento dos lábios vaginais?
13. Existe uma grande afluência das raparigas?
14. Tem notado alguma nos ritos de iniciação à sexualidade?

Anexo C: Lista e perfil das entrevistadas

Mulher 21 anos, solteira, profissão, mãe e estudante na 10ª classe e mãe. Data 28/01/06

Mulher 19 anos, casada, profissão doméstica. Data 01/02/06

Mulher 22 anos, casada, profissão doméstica, mãe de filhos. Data 01/02/03

Mulher 23 anos, casada, mãe de 2 filhos e doméstica, 5ª classe. Data 29/01/06.

Mulher 35 anos, casada, doméstica, mãe de duas crianças. Data 29/01/06.

Mulher 21 anos, casada, doméstica, 2ª classe. Data 28/01/06

Mulher 22 anos, casada, mãe e doméstica, 7ª classe. Data 26/01/06

Mulher 25 anos casada, doméstica, mãe de 3 filhos, 3ª classe. Data 26/01/06

Mulher 23 anos, casada, doméstica, mãe de 2 filhos, 6ª classe. Data 26/01/06

Mulher 18 anos, solteira, estudante, 7ª classe. Data 29/01/06

Mulher 26 anos, separada, doméstica, mãe de 2 filhos 2ª classe. Data 26/01/06

Mulher 24 anos, casada, doméstica e mãe. Data 26/01/06

Mulher 22 anos, solteira, estudante, 8ª classe. Data 4/02/06

Mulher 20 anos, casada, doméstica e mãe. Data 4/02/06

Mulher 27 anos, casada, doméstica e mãe de 4 filhos. Data 4/02/06

Mulher 45 anos, casada, doméstica e mãe de 5 filhos. Data 30/01/06

Mulher 50 anos viúva, doméstica, mãe de 7 filhos, Data 30/01/06

Mulher +50 anos, estado civil viúva, doméstica. Data 26/01/06



Mulher +50 anos, viúva, doméstica, mãe de 5 filhos e representante da OMM no bairro de Nhamaiabwé. Data 26/01/06

Mulher 40 anos, casada, doméstica e mãe de 3 filhos. Data 01/02/06

Mulher 50 anos, casada, doméstica e mãe. Data 26/01/06

Mulher 44 anos, viúva, mãe de 4 filhos, doméstica. Data 04/02/06

Mulher 54 anos, casada, mãe de 6 filhos, doméstica. Data 30/01/06

Mulher 49 anos, separada, mãe de 8 filhos, doméstica. Data 28/01/06

Mulher 50 anos, viúva, mãe de 8 filhos, doméstica. Data 04/02/06